

Terça-feira, final do expediente. Me despeço do pessoal, fecho a grade da loja e tomo meu caminho. O trânsito felizmente estava tranquilo, cheguei um pouquinho mais cedo no ponto, e consegui pegar o ônibus do horário anterior que estava atrasado. Quase vazio, ainda com lugar sobrando, deu para passar a viagem toda sentado e ainda esticar um pouco as pernas. Fazias as contas de quando chegaria em casa na minha cabeça, ainda que não fosse muito bom nelas. Era bom em fazer conta de troco, coisas do estaque, essas contas “da vida”, só conta de hora que eu achava um pouco chato. Mas essas contas “da escola”, eu sofria um pouco para fazer, pedia ajuda à minha filha. Deveria chegar em quarenta minutos em casa, como hoje ia ter aula, não ia precisar jantar com pressa, e daria para até passar um tempo no sofá com a minha esposa. Que dia maravilhoso.

Chegando em casa, acabei que me joguei na cama antes mesmo de sentar à mesa do jantar. Estava mais cansado do que eu tinha percebido durante a viagem de ônibus. Acho que foi o dia na loja, muito corrido, muita coisa a ser feita, a gente cansa e não percebe. Perguntei para a minha filha como havia sido o dia dela, e como sempre ela respondeu “bem”. Não a culpo, essa aula a distância para as crianças, deixa tudo chato. Eu não gostava das minhas aulas no celular, imagina ela que é jovem, deve ter saudades das amigas e tudo mais. Eu sentia que não aprendia quase nada pelo celular, já era difícil na sala de aula. Imagina, recuperar da onde você parou a mais de vinte anos, é difícil fazer o cérebro pegar no tranco. Se bem que assistir aula sentado no sofá ou na cama era até que confortável.

Não à toa, minha esposa, já sabendo que na cama eu ficaria até a aula, trouxe o jantar e comemos ali mesmo. Os dias estavam mais corridos e desorganizados com a pandemia, era trabalho, era aula, mas acho que no fim ia tudo valer a pena.

Jantar apreciado, roupa de trabalho trocada. Já era a hora da aula, e por ali fiquei mesmo. Como a minha filha precisava do computador para fazer os trabalhos de escola, eu acabava assistindo a aula pelo celular mesmo, até achava mais fácil. Me ajeitei na cama, e só precisava segurar o celular para o povo da escola poder me ver. Gostava de me sentir presente, acho que era uma maneira de demonstrar para os professores que estava gostando da aula. Eu ficava até parecendo esse povo que faz vídeo no celular, contanto alguma história ou notícia.

Entre na aula, e lá estava o povo de sempre, os alunos e os professores. Até perceber uma pessoa diferente. De câmera ligada, era um jovem de cabelo bagunçado, óculos, e aqueles fones de ouvido grandes, igual os *youtubers* que a minha filha assiste jogando vídeo game. Se apresentou como estagiário de geografia, falou que ia acompanhar nossas aulas, e depois não disse mais

nada. Gosto sempre de gente nova, em qualquer lugar.

A aula seguiu normalmente, a de hoje era sobre “povos tradicionais”, aprendi que “índios” não era uma palavra muito legal de se usar. Eu gostava dessas aulas que tinham vários professores, parece que deixava a matéria “mais viva”. Os professores falaram sobre as terras indígenas, povos quilombolas, e outros povos que agora eu não me recordo. Quase todos os professores falaram, só quem não falou nada foi o estagiário, quero dizer, para fora. Porque deu para perceber, enquanto ele encarava a minha câmera, falou para dentro, quase que rindo, “que tiozão engraçado”.

Em Busca de Investimentos

Júlio Deziró de Oliveira Santos

Como sempre as coisas estavam difíceis. Talvez mais do que nunca, mas quem é que sabe como comparar? A gente trabalha, paga as contas, e sempre sobra muito pouco dinheiro. Penso que eu poderia fazer algo com esse dinheiro. Meu cunhado me disse mim que eu deveria a começar a fazer investimentos, que tem gente fazendo muito dinheiro por aí, e que é só colocar uma grana no aplicativo e depois de um tempo você tem um retorno. Mas tem que estudar, se colocar a grana no aplicativo, e não entender nada, você só vai perder dinheiro.

É por isso que tem tanta gente vendendo curso de investimento no Facebook. Mas eu sempre me pergunto, se a pessoa sabe investir, por que ela não só coloca o dinheiro dela no aplicativo e fica rica? Por que a pessoa fica perdendo tempo no Facebook fazendo curso para as outras pessoas? Eu não engulo essa não, aí tem coisa.

Mas já que esses aplicativos de investimentos são coisas importantes eu fiquei ligado neles. Foi quando em uma noite, na minha aula de quarta-feira, achei que teria a oportunidade de saber umas dicas para poder entrar no mundo dos ricos. O que aconteceu foi que o professor de história falava sobre Paulo Freire, que eu achava que era só um comunista, mas descobri que era até um cara legal. O professor falava sobre a vida de Paulo Freire, e para ser sincero, eu não estava prestando muita atenção, é difícil prestar atenção em aula no celular, ainda mais a noite, depois de passar o dia trabalhando. Mas enquanto eu ouvia a aula pelo celular eu ouvi o professor falando “por que naquela época teve a quebra de bolsa de investimentos”. Opa, havia encontrado a minha oportunidade.

Eu calmamente, tentando não demonstrar minha empolgação, interrompi o professor e pedi para ele explicar melhor a questão da bolsa de valores. O que não foi um problema, já que o professor sempre ficava muito feliz quando a gente fazia qualquer pergunta. E ele continuou a explicação, falando que era sobre atrair investimentos para empresas, que elas abriam “capital” nesse lugar,

que todo mundo podia comprar, e que conforme as empresas ganhavam ou perdiam valor, quem apostou nelas também ganhava e perdia dinheiro. Pelo menos foi isso que eu consegui gravar na minha cabeça.

Como o professor havia demonstrado que entendia do assunto, achei que essa seria a minha grande chance. Perguntei para ele se ele sabia de algum aplicativo bom para fazer investimentos, e para demonstrar que estava falando sério, comentei que tinha quinhentos reais para investir.

O professor demorou um pouco para responder, e depois de gaguejar bastante, disse que não saberia me ajudar. Que ele entendia o que eram investimentos, bolsa e ações mais na parte “teórica”, mas que ele mesmo não tinha a prática de mexer com tais coisas. Então não sabia em qual aplicativo poderia investir, mas me advertiu que se fosse algo para colocar dinheiro, que estudasse bastante e procurasse um lugar ou alguém de confiança.

Mas era justamente isso que eu estava fazendo, ora essa! Em verdade lhes digo que fiquei bastante decepcionado. O professor demonstrava saber tanta coisa, o que eram ações, como funcionavam, quando se ganhava dinheiro, quando se perdia, e não mexia com o assunto? Para quê então ele tinha todo aquele conhecimento? Qual era a utilidade de saber de algo que dá para ganhar, e não usar isso para ganhar dinheiro? Eu juro que não entendo esse povo, às vezes parece que gostam de serem pobres...

E aí, professor?

Luiz Henrique Fernandes Franco

Identidade, de acordo com o dicionário, é o conjunto de qualidades e das características particulares de uma pessoa que torna possível sua identificação ou reconhecimento, apesar de seu significado aparentemente simples, trata-se de uma questão que provoca reflexões. Desde criança é de praxe a pergunta: “o que você vai ser quando crescer?”, uma possível resposta, objetiva e grosseira, seria: “Ora, serei eu mesmo!”, mas tal pergunta remete à qual profissão pretende dedicar-se, como se o trabalho resumisse o que alguém é.

Em um final de tarde ensolarado, Luiz Henrique, que pela primeira vez frequentava a escola básica como estagiário, com dó de Nina, a cachorra da casa, que passava tanto tempo apenas no ambiente do lar, decide aproveitar o Sol e levá-la para um passeio no parque linear em frente a sua casa. Como em outras vezes, o homem andava despreocupado, tranquilo, aproveitando o momento para espairar.

Cerca de 1 km distante da residência do estagiário, já próximo ao final do bairro, alguns garotos desfrutavam da rua tranquila para passear de bicicleta. Para a surpresa do homem, que

aguardava Nina terminar de cheirar uma das pedras que encontrou pelo meio do caminho, um dos garotos desviou o olhar para ele e bradou: “e aí, professor?”, o garoto era, na verdade, Leonardo, aluno do 9º ano da escola do bairro.

Ambos haviam se conhecido no colégio, alguns dias antes, quando o estudante solicitou a ajuda do estagiário a respeito de algumas questões que a professora havia escrito na lousa para que fossem respondidas. O estagiário não imaginava que esse pequeno contato seria o suficiente para que o aluno desejasse cumprimentá-lo caso o encontrasse fora do ambiente escolar.

Porém, mais do que isso, daquele momento até o fim do passeio, Luiz Henrique passou a refletir sobre o fato de ter sido chamado de “professor” pela primeira vez. Indagava-se se isso seria boa coisa, já que ao mesmo tempo em que reconhecia a potencialidade dessa profissão e via nela a possibilidade de exercer uma função social relevante, tinha dúvidas se teria potencial para ser um grande professor e também se imaginava realizando outras mil atividades.

De fato, ele via sua graduação chegando ao fim e a inserção no mercado de trabalho cada vez mais próxima, momento de natural ansiedade frente ao futuro e às possibilidades que esse o reservava. Apesar de o estágio ter lhe mostrado que poderia se transformar em um agente importante na escola, ainda não sabia se isso era o melhor para ele.